



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

LÍVIA MARTINS GUIMARÃES SOARES

**SEMILLEROS DE INVESTIGAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA DE
INVESTIGAÇÃO PRÓPRIA DAS INFÂNCIAS**

LÍVIA MARTINS GUIMARÃES SOARES

**SEMILLEROS DE INVESTIGAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA DE
INVESTIGAÇÃO PRÓPRIA DAS INFÂNCIAS**

Trabalho apresentado à banca examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília – FE/UnB como requisito para a obtenção do grau de licenciatura plena em Pedagogia.

Coorientadora: Prof^ª. Dra. Fátima Lucília Vidal Rodrigues

Brasília

2022

LÍVIA MARTINS GUIMARÃES SOARES

**SEMILLEROS DE INVESTIGAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA DE
INVESTIGAÇÃO PRÓPRIA DAS INFÂNCIAS**

Trabalho apresentado à banca examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília – FE/UnB como requisito para a obtenção do grau de licenciatura plena em Pedagogia.

Coorientadora: Prof^ª. Dra. Fátima Lucília Vidal Rodrigues

Brasília

2022

A todas as diferentes infâncias da Natureza-humana: pessoa-erê, pessoa-curumim, pessoa-criança y persona-*niñe* de *Pachamama* que encantam e trans-formam o mundo desde suas diversas existências brincantes, curiosas e irreverentes. Que vivam plenamente o direito de comer, de brincar, de investigar, de bagunçar. Que suas naturezas sejam respeitadas e amadas. E a minha pessoa-erê flico que jamais parou de brincar e se questionar.

AGRADECIMENTOS

Eu agradeço primeiramente a Exu que me escolheu e abriu-caminhos para que eu também o escolhesse como caminho para trilhar essa investigação que trans-formou a minha existência enquanto pessoa-humana.

A todas as pessoas-trans e as pessoas-margens que cruzaram meus caminhos, me atravessaram, e convidaram-me a viver inúmeras travessias, e todas levaram-me até Exu. Todas são pessoas-exu, pessoas-sagradas.

Eu agradeço a todas as pessoas-crianças-trans que estão chegando para rasgar este mundo doente de colonialidade, atravessando-o de diferentes formas pelo direito de existir, comer, ser, viver, fazer, e amar das diferentes pessoas-natureza.

Pessoas-erês, pessoas-curumins, pessoas-crianças, pessoas-com-deficiência, pessoas-trans, pessoas-lésbicas, pessoas-gordas, pessoas-pretas, pessoas-não-binárias, pessoas-faveladas, pessoas-camponesas, pessoas-adictas, pessoas-órfãs, pessoas-com-fome, pessoas-adotadas, pessoas-imigrantes, pessoas-velhas, pessoas-desabrigadas, pessoas-assexuadas, pessoas-deprimidas, pessoas-abandonas, pessoas-sem-território, pessoas-miseráveis, pessoas-surdas, pessoas-autistas, pessoa-flor, pessoa-árvore, pessoa-montanha, pessoa-fogo, pessoa-água, pessoa-vento, pessoa-ferro, pessoa-folha, pessoa-formiga... As diferentes pessoas-humanas e pessoas-não-humanas que constituem e são constituídas de Mãe-Natureza.

PEDIDO DE BÊNÇÃO

para começo de conversa
dai-me licença minha gente.
sem exu não se faz nada,
não há vida que sustente.

laroyê para abrir caminhos,
para avançar, é mojubá.
a bênção do mensageiro,
e de todos os orixás.

a bênção ao grande mistério.
peço ao poder da criação.
aos encantados que me guiam.
peço a ori e ao coração.

a bênção aos mais velhos,
a quem plantou para florescer.
a bênção aos mais novos,
as sementes do bem-viver.

peço a bênção de chiquinha,
e até de quem não conheci.
dai-me licença povo antigo,
da família em que eu nasci.

peço a bênção das crianças,
que me ensinam a mover.
a bênção de mariazinha,
e de todos os erês.

peço a bênção ao velho griô,
que me inspira a louvar¹.
a bênção ao povo dessa roda,
que me ensinou a celebrar.

a bênção a todos os mestres,
eu peço ao meu mestre zé.
no ponto da alegria,
eu fiz ciência em rastapé.

a bênção das mestras e das professoras,
na figura de nádia akawã tupinambá.
A bênção de lillian, patricia e fátima,
e de todas que ensinam a indagar

peço a bênção² aos cientistas,
e ao povo de notório saber.

¹ Eu aprendi esta prática com o Mestre Veio Griô através de Márcio Caires.

² Prática ancestral de povos de tradição oral; prática pedagógica, ritual de vínculo e aprendizagem que aprendi por meio da Pedagogia Griô, transmitida oralmente, por Mestra Lillian Pacheco.

aos guardiões da floresta,
e a comunidade da unb.

peço a bênção ao livreiro,
a sheyla e alexandra.
a bênção de quem é inteiro
e flui na vida enquanto ela anda

a bênção de toda a gente,
que se move para transformar.
a quem trabalha em coletivo,
para *pachamama* curar.

a bênção de quem vai ler,
a bênção de quem escreveu,
a bênção de quem é “sabe-tudo”,
a de quem sabe porque viveu.

peço a bênção e dou a bênção,
pois não se faz nada sozinha.
a bênção de todo o povo,
que ao meu lado caminha.

(flico)

A escrita é uma coisa, e o saber, outra. A escrita é a fotografia do saber, mas não o saber em si. O saber é uma luz que existe no homem. A herança de tudo aquilo que nossos ancestrais vieram a conhecer e que se encontra latente em tudo que nos transmitiram, assim como o baobá já existe em potencial em sua semente.

(Tierno Bokar Salif - mestre griot
maliense)

Para isso existem as escolas: não para ensinar as respostas, mas para ensinar as perguntas. As respostas nos permitem andar sobre a terra firme. Mas somente as perguntas nos permitem entrar pelo mar desconhecido.

(Rubem Alves)

RESUMO

Este trabalho tem como tema central a Investigação Própria das Infâncias (Liebel, 2007) como prática pedagógica transformadora, problematizada a partir de uma experiência extensionista universitária vivida por estudantes, professoras/es e crianças do projeto de extensão Semeadores de Investigação (Semillero Brasil): Educação, Transformação e Alegria na Prática docente, da Universidade de Brasília, Faculdade de Educação. Como objetivo geral desta pesquisa, buscamos compreender como a Investigação Própria das Infâncias (IPI) pode se constituir em possíveis caminhos de trans-formação da prática pedagógica na história dos Semilleros de Investigação. Os objetivos específicos que organizaram esta investigação foram: Investigar a história do surgimento dos Semilleros de Investigação e compreender a pergunta como um caminho transformador e potente para a construção do conhecimento. O caminho metodológico vivido para tal foi a abordagem qualitativa, e os procedimentos de pesquisa adotados foram as dinâmicas conversacionais e a investigação bibliográfica. Partimos e nos nutrimos de um solo teórico predominantemente latino-americano e caribenho, dialogando com autoras/es como Carlos Calvo, Jorge Londoño, Lillian Pacheco, Luiz Rufino, Paulo Freire, Katiúscia Ribeiro, Zulma Palermo. Ao finalizar a história e reflexão dos Semilleros de Investigação, reafirmamos o caminho da pergunta como possibilidade de travessia pedagógica e transformação dos processos de aprendizagem às crianças que participam dessa experiência latina e brasileira.

Palavras-chave: Investigação própria das infâncias; Travessia. Semilleros de Investigação.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAP – Escola Classe Comunidade de Aprendizagem do Paranoá

Colciencias – Departamento Administrativo de Ciência, Tecnologia e Inovação da Colômbia

FA – Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

FHBJ – Formação Holística de Base para Jovens

ICJ – Iniciação Científica Júnior

IPI – Investigação Própria das Infâncias

RedCOLSI – Rede Colombiana de Semilleros de Investigación

SI – Semillero de Investigación

UdeA – Universidade de Antioquia

UnB – Universidade de Brasília

Unicauca – Universidade de Cauca

Unipaz – Universidade Holística Internacional da Paz

Vivendo e Aprendendo – Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	12
PARTE I - MEMORIAL EDUCACIONAL: AS ESCOLAS EM MINHA VIDA	13
PARTE II - MONOGRAFIA	28
INTRODUÇÃO	29
CAPÍTULO 1 - SEMILLERO DE INVESTIGAÇÃO - O BERÇO DAS SEMENTES	31
1.1 - O QUE É UM SEMILLERO DE INVESTIGAÇÃO?	31
1.2 - O QUE É INVESTIGAÇÃO?	32
CAPÍTULO 2 - COMO PODEM SE ORGANIZAR OS SEMILLEROS DE INVESTIGAÇÃO.....	36
2.1. COMO PODEM CAMINHAR METODOLOGICAMENTE?	37
2.2. QUAIS PRINCÍPIOS PODEM MOBILIZÁ-LOS?	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
PARTE III - PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS.....	41
REFERÊNCIAS.....	42

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso encerra um processo de formação inicial no curso de Pedagogia da Universidade de Brasília. Ele encontra-se organizado em três partes: memorial educacional (parte I); monografia (parte II) e perspectivas futuras (parte III).

A parte I é um relato sobre a minha trajetória educacional, os caminhos que percorri até chegar ao curso de Pedagogia e as motivações que me fizeram escolher essa temática para a monografia. Neste memorial educacional eu apresento a minha história de vida tecida até o presente momento, trazendo em si memórias de relações educativas e episódios que marcaram a minha formação acadêmica e pessoal, e a construção da pergunta-guia desta investigação.

Já na monografia, apresento um trabalho investigativo sobre a temática da Investigação Própria das Infâncias (Liebel, 2007) como prática pedagógica transformadora, a partir da ótica extensionista. No primeiro capítulo apresentamos o contexto histórico de surgimento do projeto de extensão Semillero Brasil, sua origem e inspiração nos Semilleros de Investigación Colombianos e Chilenos. No segundo Capítulo é discutido como podemos organizar os semilleros de investigação e quais os princípios para mobilizá-los. E, finalmente, encerro a monografia com algumas considerações finais acerca de uma prática pedagógica transformadora possível. Também apresento algumas limitações deste trabalho, suas possíveis contribuições na formação docente e inicial de estudantes de pedagogia e educadoras/es, bem como as perspectivas futuras de continuidade e amadurecimento desta investigação.

Em seguida, para encerrar este trabalho final de curso, apresento na parte III as minhas perspectivas profissionais de atuação como pessoa-educadora, e os sonhos que me mobilizam enquanto educadora, aprendiz-griô, artista e ser-humana em constante e eterno aprimoramento.

PARTE I - MEMORIAL EDUCACIONAL: AS ESCOLAS EM MINHA VIDA

Agô. Peço licença para tomar o poder atravessador da palavra. A bênção professora Líllian Pacheco, que ensinou-me a importância de pedir o poder da palavra antes de falar, para garantir o direito de que minhas histórias sejam verdadeiramente escutadas.

Ouso dizer que sou considerada um erro para a ordem colonial-especista-racista-capacitista-capitalista-heteronormativa-machista-patriarcal do cis-tema. Ocorreu uma falha na matrix no dia em que atravessei minha mãe por uma fenda horizontal para questionar o mundo vertical que a mim fora apresentado. E esse rasgo alargou-se em janela quando minha mãe e meu pai fizeram a escolha de não me batizar na Igreja Católica, desobedecendo mais uma vez a norma. No dia em que escolhi consagrar meu Ori no Axé do terreiro de Xangô Sambará, pelas mãos sutis do Caboclo Pena-Verde, através de Pai Rita Xavier, nas águas de Sobradinho – DF, essa janela redimensionou-se em imenso portal. E quando finalmente achei que ia atravessá-lo, Exu atravessou-me.

Toda criança que escolhe vir a esse mundo, também tem uma fenda ou buraco por onde atravessar. E de dentro para fora, atravessam muitas camadas até irromper a casca e flor-e-ser. Ester floresceu Orquídea-estrela e Gabriel floresceu Orquídea-rosa nos quintais de nossa avó. Desconfio que quando nasci floresci girassol. Mas nos próximos atravessamentos pretendo florescer-me maria-sem-vergonha, jacinto ou sempre-viva. Hoje estou

- Convite a um atravessamento trans-indisciplinario por uma flor chamada Pétala Conceitinho: MANIFESTO PÉTALA PROIBIDA
https://www.youtube.com/watch?v=kKkGwvdXXas&list=OLAK5uy_nQEq4rxgwCaVC-QlfB_vW5nXMbSGtG8E0

Vim a esse mundo em uma manhã de quinta-feira, no dia 19 de outubro de 1995, com a energia da avó lua minguando no céu. A mulher que se abriu em portal para me dar à luz foi a minha mãe Tácita Symonne Lima Martins da Silva, filha de Arminda Lima Martins da Silva e neta de Francisca Martins da Silva. Fui gestada e parida por uma mulher, mas sonhada por muitas outras pessoas. Eu sou Lívia Martins Guimarães Soares e afirmo que sou a esperança e o sonho manifesto dos meus ancestrais e das minhas ancestrais na Terra.

Quantas mulheres é preciso para se fazer uma? Em minha história eu posso me referir a pelo menos essas três que me constituíram, educaram e alumiararam meus caminhos para que em minha jornada houvesse menos obstáculos e mais possibilidades do que elas tiveram em suas

vidas. Sou bisneta, neta, filha e sobrinha de mulheres fortes, corajosas e amorosas que vieram antes de mim, abriram caminhos e deram passagem para que hoje eu pudesse estar aqui neste exercício de escrita e reflexão, tomando consciência sobre a minha própria história, escrevendo-a, e o mais importante de tudo, sendo a própria autora, protagonista e contadora dela.

Honro e agradeço a todos os homens de minhas linhagens materna e paterna, na pessoa de meu avô José Martins da Silva, pai de minha mãe, e de meu avô Jocenir de Souza Soares, pai de meu pai. Mas hoje eu escolho exaltar aquelas que muitas vezes não são nomeadas pela História. E como essa é a minha história, eu posso resgatar seus nomes e encantar as suas presenças aqui neste trabalho e em minha vida.

Peço a bênção de minhas tataravós paridas no sertão cearense: Leonília Nunes da Silveira, mãe de 24 filhos; A bênção da minha tataravó Maria Davi, parteira e benzedeira. E a bênção da mãe de meu pai, vó Nilce Helena Ferreira Guimarães. A bênção das que eu ainda não sei o nome, das que vieram antes e tiveram seus nomes apagados ou esquecidos. Gratidão por todas as sementes boas que me foram ofertadas.

Eu não poderia rememorar e escrever a minha trajetória educacional sem afirmar minha postura ética e política de que toda relação e passo que caminhei até aqui foi uma relação educacional que me constituiu na Lívia que sou hoje e na educadora que estou sendo e buscando ser em minha constante formação. Para melhor materializá-la, empresto-me das palavras de nosso Patrono da Educação Brasileira, Paulo Freire (2018): “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”. Por isso eu inicio este compartilhamento de minhas memórias dividindo o grande desafio que é para mim falar da minha trajetória educativa em poucas laudas.

Mas também recorro a esse grande mestre no consolo de suas palavras quando diz (Freire, 2014) que a inconclusão é própria da experiência vital. Então por me saber inacabada e em eterno aprimoramento me permito escrever esse trabalho com a leveza de ser apenas um exercício de captura da minha realidade, uma pescaria de memórias, experiências e afetos, e uma brincadeira de através da escrita poder partilhar um pouco do que sou e das reflexões que me visitaram nesses últimos tempos no resgate e tessitura de minha História de Vida a partir dos fios que haviam se perdido no Tempo.

A escrita da História de Vida é uma prática da Pedagogia Griô, que tem como base Rituais de Vínculo e Aprendizagem que integram os ditos saberes globais (formais), com os saberes da comunidade, e os saberes singulares da história de vida de cada pessoa. Graças a essa pedagogia genuinamente brasileira, parida na cidade de Lençóis, na Chapada Diamantina, Bahia, por Lillian Pacheco e Márcio Caires - a bênção mestra e mestre - eu pude acessar pela primeira

vez a potência de conhecer e reconhecer a minha história de vida como um conteúdo importante a ser integrado em minha aprendizagem enquanto pedagoga e ser humana.

A Pedagogia Griô vem sendo desde 2019, quando a conheci, uma imensa travessia formativa que dá sentido ao meu fazer pedagógico ao reposicionar no centro do currículo escolar, da elaboração do conhecimento, e conseqüentemente da construção de um projeto de humanidade outro, a expressão da identidade, o vínculo com a ancestralidade e a celebração da vida em comunidade. Por isso voltarei a citá-la durante este trabalho, pois é sem dúvida um dos marcos constitutivos do meu eu educadora mais importantes em minha história de vida. E inspirada por esta prática, eu escrevo este memorial educacional com a devida reverência, digna do encerramento de um ciclo formativo inicial em Pedagogia tão intenso e significativo.

Segundo a professora Lillian Pacheco (2014), para a Pedagogia Griô, o fio da meada perdido que a educação pode ajudar a resgatar é a história de vida de cada um, tecida com o fio da história do seu povo e nação, integrados ao mundo. Sendo assim, uma educadora crítica que se sabe inacabada, que se questiona e sonha, precisa resgatar o fio perdido da sua história para começo de prosa. Então para construir a colcha de retalhos da minha história de vida com enfoque em minha jornada educacional, coletei pedaços de histórias contadas por meus familiares, por fotos, cartas e outros registros.

E assim, fui brincando de costurar o sabido com o não sabido, o lembrado com o caído contado, o que meu corpo ainda sentia e o que nele estava adormecido, mas foi despertado com o resgate das memórias. O que eu não lembrei ou o que não coube na limitação do registro escrito, eu pude recriar e se encantou através desta minha costura e amarração afetiva, que partiu de mim, mas foi escrita por muitas vozes e mãos.

Minha avó materna Arminda e minha mãe Tácita contam que eu já nasci uma bebê gordinha, corada, “com saúde” e muito esperta. Logo nos meus primeiros dias de vida já iniciei minha vida artística protagonizando o papel de menino Jesus na peça da escola da minha irmã mais velha, e com isso minha mãe brinca que eu não nasci, eu estreei no espetáculo da vida. Eu não tenho tantas memórias da minha primeira infância, mas os relatos dos meus familiares e os registros fartos que minha mãe fotógrafa colecionou de toda a família, por anos à fio, possibilitaram-me escrever um pouco do que vivenciei em meus primeiros anos de vida.

Quando a minha escola eram as ruas, varandas e quintais...

A maior parte dos meus processos educativos foi iniciada em casa, com a facilitação dos meus pais, da minha avó, e com influência dos meus irmãos mais velhos, Sarah e Eduardo.

Lembro de brincar de escolinha com a Sah e vizinhas, e de aventura e criações mirabolantes com meu irmão Edu. Minha mãe contou que adorava ler histórias para mim, foi ela quem me apresentou o mundo das letras, das cores, das formas geométricas, e também da arte, brincando desde cedo de teatrinho comigo e meus irmãos.

Nós éramos aquelas crianças bem livres que escolhiam a roupa antes de sair de casa tendo a permissão e o incentivo de vivenciar a criatividade e irreverência infantis sem poda. Lembro de escolher meias coloridas e trocadas, usar roupas dos meus irmãos, me enfeitar de adornos e uma coleção de anéis que enfeitava cada dedo da mão (minha mãe me chamava de maria-anelzinho), mas tinha predileção mesmo pelas fantasias que criávamos em nossas brincadeiras. Sinto que toda a liberdade que minha mãe não teve em sua educação castradora ditada por um pai militar rígido, machista e conservador, ela pôde oferecer a nós, seus quatro filhos, e também a uma penca de sobrinhos, pois crescemos praticamente juntos as 10 netas/os de Dona Arminda.

No ano de 1997, quando eu tinha dois anos, meus pais foram em busca de alguma creche para eu ficar, por conta do trabalho. Minha mãe conta que eu já era bem espertinha e seria interessante começar a conviver com outras crianças, brincar e aprender coisas novas. Ela me matriculou em uma creche, mas eu não me adaptei, e acabei ficando esse mesmo ano sob os cuidados da minha avó, que além de vó, é madrinha, e me ensinou muito do que sei e sou.

Ela inventou para cada uma de suas três filhas e cada neta e neto um apelido sem pé nem cabeça, o único nexo era o afeto. Fui nomeada por ela de flico, simplesmente flico, em minúsculo. E quando questionei o porquê desse nome ela só falou: “Porque sim, porque você é o meu flico e pronto, nome de amor não se explica.” E até hoje sou chamada assim por minha família, e esse nome carrega tanto afeto que veio a ser meu nome artístico quando assumi a minha identidade de artista para o mundo, já adulta.

Minha educação escolar iniciou-se bem cedo, e por mais que eu gostasse dos vínculos criados na escola, minha maior sala de aula foi a varanda de minha avó e a rua, e minhas melhores professoras foram as árvores, os pássaros, as formigas e o barro do chão na vizinhança. Nasci e vivi parte da minha primeira infância na Samambaia, na casa de minha avó, onde eu e minha família vivemos até os meus quatro anos. Aprendia mais desbravando a terra vermelha da “Samamba”, como carinhosamente chamávamos o bairro da vovó, do que na escola. As plantas me entretiam mais que os brinquedos, e o vento me contava mais histórias que os livros.

Por mais que me cheguem muito vagamente essas memórias, quando olho as fotos que minha mãe fez dessa primeira fase de minha infância parece que se abre um portal que me teletransporta despertando os sentidos: eu lembro de alguns cheiros, texturas, sons e sentimentos que sentia na época e principalmente da liberdade que meu corpo experimentava. Foram as

memórias mais felizes da minha infância: brincar o dia inteiro na rua e não querer entrar em casa, trepar nas árvores, soltar pipa, brincar de boneca e bola, tomar banho de mangueira com os irmãos e primas, dançar “É o Tchan” de calcinha até a exaustão.

Eu lembro do cheiro da dúzia de laranjas que a vovó descascava na bacia para todas as netas e netos sentados no chão da varanda ao seu redor. Eu lembro das tardes que fui embalada na rede em seu peito e da música única que se formava no casamento do choro da rede, com o cantarolar de cantigas de ninar e o coração quentinho dela que batia ritmando a canção: “Fui no Tororó, beber água e não achei, encontrei o meu flico, que no Tororó deixei...”. Lembro também do gosto do bolo de rolo de brigadeiro da sua amiga e vizinha Marlene, e da minha insistência para visitá-la em algum final de tarde.

Eu lembro das manhãs embaladas por Luiz Gonzaga e de minha bisavó Chiquinha sentada na cadeira de balanço com os gatos dançando o seu forrózinho bem miudinho. É engraçado que desde que eu nasci, ela já era velinha, bem miudinha e magrinha, parecia um passarinho. Era feito rapadura, me lembro dela como a pessoa mais doce e cabeça dura que já conheci. Ela que passava horas fazendo fuxicos de retalhos com suas mãos enrugadinhas e trêmulas para tecer lindos jogos de cama e enxovais para quando uma de nós se casasse, mesmo a gente nem sabendo ainda o que era o amor. Ela conversava com os animais e plantas e foi quem nos ensinou a amá-los e ser gentil com todos os seres vivos.

Naquela mesma varanda em que eu aprendi a gostar de forró, eu também tomei aulas de francês. Ela ensinava quase todos os dias as únicas duas palavras que sabia falar em francês porque achava chique. E com aquele sotaque cearense arretado e a voz doce, dizia com biquinho: “Mérci...Bócu... Repita... Mérci Bócu.” Eu adorava escutar seus causos, mesmo que as vezes eu não entendesse as histórias cabeludas, por ser muito pequena. Mesmo assim eu sabia que eram importantes, e sempre dizia que quando fosse grande eu iria escrever um livro com as histórias da vó Minde e da Bia Chiquinha.

Histórias de quando ela atravessou de Quixadá à Crato a pé com meu avô José ainda menino, para fugir da seca e da fome. Como no dia em que ela ainda em retirada, sem ter onde abrigar-se, estendeu seu pano véio da rodilha que sustentava o seu balaio para dormir mais seu menino no mato, no breu e no frio, sendo cobertos apenas pelo manto de proteção de Nossa Senhora da Conceição. Mal sabiam eles que entre seus corpos e o áspero chão do sertão cearense, só havia a fina camada de pano e uma cobra. Isso mesmo, uma cobra! Quando acordaram no alvorecer do dia, perceberam que havia uma cobra jararaca acomodada debaixo deles. E ela contava aos risos dizendo “Minha fia, não sei se foi a cobra que nos esquentô ou se foi nois que esquentemo ela!”.

Causos como a vez em que a sua fervorosa fé em sua santa, fez com que um cipó milagrosamente prendesse a pata de um touro bravo que vinha furioso de encontro a eles. Ou até mesmo quando ela enfrentou o famoso “Queixo-de-Tamanco” do bando de Lampião, e mais dois, para proteger meninas retirantes que também cruzaram o seu caminho. Sua coragem e fé botou cangaceiros armados até os dentes para correr! Os causos mais interessantes e histórias de luta, dor e alegria de quem viveu 101 anos.

Um outro ciclo muito importante iniciou-se no ano de 1999 quando eu tinha cerca de 4 anos. Ganhei um presente muito especial que com certeza transformou minha trajetória educacional: mais um irmãozinho. E com certeza ter um irmão caçula me despertou outro lugar de aprendizagem, pois me despertou o cuidado e a vontade de ensinar. Tenho flashes de lembranças de minha mãe nos contando a notícia de que a família cresceria, porém, esse irmão era ainda mais especial porque em vez de vir da “barriguinha da mamãe, viria do coração”.

O Vini veio a nós por meio da adoção, e minha mãe nos preparou muito bem para compreender todo o processo, por isso jamais fizemos distinção, era algo natural e muito esperada a chegada de mais um irmão para agregar à nossa bagunça. Posso afirmar com toda a certeza que um dos maiores marcos em minha educação foi me desenvolver em um lar de quatro filhos e sempre convivendo com outras seis primas/os, e mais uma penca de vizinhos e amigas. Quando nos mudamos para a casa própria de meus pais que ainda estava em construção no Grande Colorado, bairro de Sobradinho, DF, eu também mudei de escola. Outro lugar que não poderia deixar de revisitar em meus primeiros anos foi a escola São Camilo, onde iniciei meu Jardim III. Por mais que tenha ficado apenas um ano, pois no ano seguinte já estava destinada a mudar para a escola “dos grandes” ao lado, eu fiz vínculos de amizade muito importantes em minha trajetória, e um grupo de amigas que se mantém firme até os dias de hoje.

Quando mudei de escola formal, eu também mudei de escola da vida, já que a minha imensa escola na Samambaia que era a varanda e a rua da minha avó se expandiu no ainda maior quintal da casa dos meus pais e em todo um condomínio para explorar e investigar. Foi uma transição desafiadora sair da Samamba onde todo mundo se conhecia e convivia e onde existia um sentimento de comunidade, para um lugar onde as casas eram protegidas por muros físicos e simbólicos. Mas é óbvio que isso não impossibilitou minha criança de fazer suas estripulias e pular os muros dos lugares que queria visitar pelo direito de brincar.

As memórias mais marcantes de peraltagem que tenho dessa época são: bater na porta de vizinhos e correr, coletar frutas em casa alheia, passar o dia inteiro brincando de bola e brincadeiras de rua como carrinho de rolimã, pique bandeirinha, pique-esconde, etc. Também adorava a época de Cosme e Damião em que saíamos de bicicleta recolhendo sacolinhas pelo

condomínio, e nos disfarçávamos de inúmeras formas para conseguir mais doce. Mas o meu tipo de brincadeira favorita era tudo que envolvesse muita criação artística, liberdade e Natureza.

Eu amava brincar de me fantasiar, de gravar vídeos engraçados e fazer filmes com meus irmãos e primas, de resolver enigmas, caça-ao-tesouro, fazer experiências e explorar o quintal de casa com muito afinco. Acredito que por isso a minha curiosa e criativa criança interior se regozijou ao encontro de um projeto de Extensão como o Semillero Brasil, em que nos encontramos dentro do sóbrio ambiente universitário para gerar possibilidades outras de ser, conhecer, fazer e conviver com mais alegria, encanto e liberdade.

A Livia de 20 anos atrás com certeza adoraria ser uma criança investigadora do Semillas Encantadas, pois apesar das castrações do ambiente escolar, eu resistia e permanecia ávida por criar, experimentar e conhecer. Há um sentimento de infância ainda vivo de me sentir uma verdadeira aventureira e cientista, por mais que a escola me fizesse acreditar que eu não podia brincar de investigar ali, pois havia um jeito certo de aprender, e definitivamente não era brincando.

Quando a minha escola era apenas uma Escola...

Eu sinto que precisei de certa forma silenciar-me dentro da sala de aula, pois não me sentia no direito de buscar saber o que eu desejava conhecer e como eu desejava aprender. Eu acreditava que esse direito era apenas dos adultos, porque eu só podia fazer as lições e as atividades comandadas por minhas professoras e do jeito convencional.

O curioso é que quando cresci, percebi que nem todos os adultos podem ou se permitem conhecer o que desejam e como desejam, pois, acabam seguindo a forma convencional ensinada nas escolas, universidades e em espaços de educação formal. A mesma receita colonial do saber: aprender com livros, por repetição, com a finalidade de passar em provas, e sendo o conhecimento treinado e registrado através da linguagem escrita.

Fugindo completamente da linearidade de tempo desta história, eu só consigo sentir - e me arrepio ao escrever - a sensação de não pertencer ao espaço escolar em qualquer série ou escola. Por mais que eu me esforçasse diariamente para me enquadrar, ser aceita e ser considerada inteligente, eu não cabia ali. Minha curiosidade não cabia ali. Minhas maneiras de aprender, de me expressar e registrar o conhecimento não cabiam ali. E tampouco a minha identidade, meus interesses, meus desejos, minha inquietação. Deve ser por isso que em grande parte da minha trajetória escolar eu fui considerada uma aluna mediana e bagunceira.

Não me orgulho do que vou contar agora, e minha mãe e meu pai que me perdoem, mas

sempre que possível eu exagerava enfermidades ou até mesmo as criava para matar aula. E agora me pergunto se de fato eu performei tantas gripes, dores de cabeça e enjoos matinais, ou se acabei incorporando a sensação de adoecimento que as carteiras enfileiradas, o sinal estridente que anunciava a hora de se sentar e ficar calada e o sentimento de competição causavam em meus corpos.

Ao trazer para consciência esses comportamentos de autoboicote e fuga, e o sentimento recorrente de não me encaixar e de não ser boa o suficiente, me questiono: Até quando deixaremos que a escola gere pequenas feridas silenciosas em nossas crianças, que crescerão adultos frustrados, domesticados, com baixa autoestima, ansiedade e depressão? E eu literalmente sou uma delas. Lembro-me, quando criança, de algumas noites sentir calafrios e tremores inexplicáveis em todo o corpo que nenhum médico sabia dizer a origem, mas hoje cheguei na conclusão, em acordo com minha psiquiatra, que já eram sintomas de ansiedade.

Até hoje me pergunto porque eu escolhi ser pedagoga se o espaço escolar sempre me deu calafrios e me sufocava. Ao mesmo tempo em que amava a possibilidade de encontrar muitas pessoas, de conversar, aprender, brincar, me sentia mais frustrada e como se a chama da minha curiosidade e prazer por aprender fosse se apagando a cada dia. Mas resisti me apegando às aulas de artes, de literatura, humanas em geral, e às atividades culturais e extra-curriculares em grupo, que envolviam criatividade, conhecimento prático e celebração.

Não à toa, no ensino médio, liderei grupos secundaristas de simulações da ONU, participei de grupos de estudos auto-organizados com amigos, rodas de literatura, fiz aula de teatro, de música, pratiquei esportes, e até grupo ecumênico de estudos religiosos e oração eu frequentei, simplesmente pelo prazer de sentar em roda, escutar, dialogar, conviver com o diferente e aprender.

É por isso que as experiências educacionais mais marcantes em minha vida foram as não formais, tecidas em coletivo e que me proporcionaram conhecimento de diversas fontes, saberes e territórios, conhecimento questionado, vivido, experimentado, compartilhado e para a vida. Decidi pular talvez a maior parte da minha história de vida educacional formal, porque sinto que desde o ensino fundamental II até o ensino médio, foi tudo muito parecido e tedioso. Os conhecimentos que de fato me marcaram foram os que despertaram meu interesse, obviamente os que me desafiaram também, mas sem dúvidas aqueles que se relacionavam com a vida. O conhecimento profano que pode ser questionado, manuseado e que de fato nos atravessa e transforma, e não aquele que permanece inquestionável como verdades fixadas nos livros.

Teço este relato com o transbordar dos sentimentos que me visitam ao recordar tantas memórias desconfortáveis da infância e da adolescência, talvez por isso a minha análise sobre a

escola convencional pareça a princípio dura demais. Quero deixar nítido que com certeza eu aprendi e também fui feliz na escola formal, porque afinal, ela é feita de gente, e gente sempre dá um jeito de criar, de amornar o que está frio demais, e mover as estruturas que estão rígidas demais. Por aí já se justifica a minha indisciplina na escola, era instinto de sobrevivência.

Por mais que tenha sido desafiador, é possível aprender nas adversidades e em ambientes hostis, mesmo que não seja a maneira mais saudável. Mas ou nós nos fragmentamos, nos enquadrados e somos apagadas, ou reexistimos por entre as brechas (Walsh, 2017) como podemos, mantendo viva a nossa identidade, o nosso desejo e a fome de saber e viver por inteira. Mas a que custo? A escola não deveria ser um espaço alegre de encontro, de celebração do conhecimento e de boa convivência? A escola não deveria nos “ensinar” a ser gente - humanizar?

Lembro de uma frase de Perrenoud (2000) que li uma vez em um texto e me marcou profundamente e resume essa minha inquietação: “Se um jovem sai de uma escola obrigatória persuadido de que as moças, os negros ou os muçulmanos são categorias inferiores, pouco importa que saiba gramática, álgebra ou uma língua estrangeira. A escola terá falhado drasticamente.”

Não posso borrar as marcas de anos vivendo à sombra das pessoas populares, me tornando a piadista para não ser a piada, sofrendo *bullying* por ser gorda, querendo alisar meus cabelos indisciplinados como eu, e ainda me sentindo burra por não atender às expectativas das formas de conhecer e provar o conhecimento na escola.

Muitos dizem que passaram ilesos pela experiência escolar e ainda sentem falta dela porque “depois só piora”, já outros vivenciaram experiências muito mais violentas que as minhas, enquanto menina branca e de classe média em escola particular. Mas hoje compreendo que não é sobre medir e comparar dores, é sobre conhecer a própria história de vida para não reproduzir e não permitir que se perpetuem as violências castradoras que nos marcaram. E enquanto educadora, poder proporcionar experiências educativas outras, mais humanas e humanizadoras, que não só respeitem a Vida, como sejam potencializadoras de Vida, que gerem Vida, e celebrem a Vida!

Honro muito o esforço dos meus pais para oferecer a melhor educação possível que não tiveram para seus quatro filhos, e isso implicou na decisão de nos matricular em escolas particulares durante toda a nossa vida. O que para mim, atualmente, não é sinônimo da melhor educação. Em termos contedúísticos sim, fui muito bem treinada, e graças a eles eu adquiri uma boa base para passar em provas, e assim realizar o meu sonho de ingressar na UnB. Mas em termos de educação para a vida, todas as escolas falharam. E se elas puderam a vida inteira me

avaliar, quantificar e categorizar, agora é chegada a minha vez.

Não desejo com essa parte mais amarga da história parecer ingrata, pois como diria meu pai “sempre tive tudo do bom e do melhor”, e não posso reclamar, ainda mais em um país tão desigual e com uma educação ainda muito precária. Mas como a palavra qualidade (em educação) pode ter diversos entendimentos e está atrelada a projetos de sociedade/ humanidade distintos, quando tive acesso a outras maneiras de viver a educação, eu pude compreender que os critérios de qualidade que essas escolas venderam não são os mesmos a que eu me vinculo. Eles têm mais a ver com números, resultados e carreiras, do que com pessoas e vidas.

Eu honro e agradeço aos meus pais pois além das melhores oportunidades que puderam oferecer, também me proporcionaram apoio durante a minha longa jornada de educação formal, até então. Meu pai com as suas aulas de reforço em exatas, pois batia ponto na recuperação em matemática quase todo ano. E minha mãe com o apoio em humanas, e o acolhimento psicológico diário, com direito a colo nos momentos de aperto.

Mas sem dúvida o melhor que fizeram por mim e meus irmãos foi oferecer alternativas à educação escolar convencional, que sabiam ser insuficiente. Foi nessas oportunidades que eu me descobri, pude expressar minha identidade, conhecer meus interesses e desenvolver minhas habilidades. E a melhor coisa que fiz por mim foi acreditar que não apenas os livros e escolas ensinam, mas principalmente o encontro com pessoas, com diversos saberes, ciências, culturas, territórios e histórias de vida.

Quando a minha escola expandiu-se em um Universo de possibilidades...

Aos 15 anos eu ingressei na Formação Holística de Base para Jovens (FHBJ) na Universidade Holística Internacional da Paz (Unipaz). Foi o primeiro lugar em que sentei em roda para falar de sentimentos, de cultura de paz, dos saberes dos povos originários, de filosofia, arte, política e outras ciências e saberes com sentido para a vida. A Unipaz Também foi um marco em minha trajetória educacional pois foi onde me senti afetada por temas da educação e comecei a me defrontar com sentimentos em relação ao vazio que sentia na Escola. Nessa grandiosa universidade da vida, eu também tive minhas primeiras experiências como educadora, acompanhando a turma seguinte como monitora e integrando a equipe de duas colônias de férias holísticas temáticas, com muita brincadeira e investigação na natureza.

Na UNIPAZ, pela primeira vez em minha vida quase adulta, me senti feliz, realizada e completa em uma experiência educacional. Era como se eu tivesse retornado à minha infância

onde a educação não escolar era mais livre, prazerosa e eu tinha autonomia para me expressar artisticamente em tudo o que eu fazia. Na Unipaz nossa sala de aula era ao ar livre, na casa da cachoeira, no espaço do silêncio - uma casinha de meditação no bosque que tinha cheiro de eucalipto-, na quadra de holopraxis onde saudávamos o nascer do sol sempre ao acordar, e na fogueira, onde partilhávamos histórias e cantos antes de dormir. Tudo era sagrado ali. Foi onde eu comecei a compreender que é necessário ritualizar e se relacionar de maneira sagrada com a vida para encantá-la, fazer dela ao mesmo tempo um altar e um brinquedo.

Em paralelo a isso, me tornei ainda mais apática em relação a escola no ensino médio. Não fazia mais sentido estar naquele espaço sem cores, sem movimento e isolado da vida, se eu já havia encontrado a minha “tribo”, a Tribo da Chama, na UNIPAZ. Passei a ir para escola bater ponto, e me liberei do esforço de tentar me enquadrar naquela experiência escolar, passando a fazer o mínimo para passar de ano. Também me liberei da obrigação social de andar em bandos e passei a ter como companhia apenas meus livros e músicas durante os intervalos.

Foi um período bem desafiador de muitas transformações internas e externas, após separação recente dos pais, e muitas mudanças de casa, de escola, de mundos e paradigmas. O que me sustentava era a certeza de que uma vez por mês eu teria um final de semana inteiro de vivências na UNIPAZ, que nutririam o resto dos meus dias, até o encontro seguinte.

Então tomei a decisão de finalizar meu ensino médio em uma escola menor, em que eu não conhecesse quase ninguém (apenas amigos da UNIPAZ), para poder recomeçar minha experiência escolar me despidendo de rótulos sociais e expectativas, e focando apenas em passar no PAS para qualquer curso de humanas, com tanto que eu entrasse para a UnB. Mas como a vida sempre surpreende, me adaptei bem a essa escola que era menos conteudista e mais dinâmica, fiz novos amigos e amigas, e encerrei este ciclo escolar com mais autoestima e alegria por ter tido coragem de ser eu mesma e cultivar relações mais equânimes e saudáveis na escola.

Em 2013 eu ingressei no curso de Ciência Política, e outro mundo imenso se descortinou para mim. Não era o curso que eu queria, e na verdade eu mal sabia quem eu era e do que eu gostava, já que a escola convencional não me ajudou muito nesse aspecto de conhecer meus interesses, desejos e habilidades. Mas mesmo assim foi uma experiência muito importante, pois pude vivenciar a experiência universitária em sua máxima potência.

Durante essa graduação, me permiti peregrinar pela UnB, conhecendo diversos departamentos, saindo do fluxo convencional do curso, e criando o meu próprio fluxo. Me aventurei nas mais diversas atividades de ensino, pesquisa e extensão, e me joguei nas atividades extracurriculares que enriquecem a experiência universitária. Mas foi na extensão que me encontrei, e foi no projeto Política na Escola que eu li Paulo Freire pela primeira vez, e atuei

dentro da escola pública com crianças do projeto, onde comecei a flertar com a pedagogia.

Foi no início da minha trajetória acadêmica que conheci o maior professor que a UnB me deu, e, diga-se de passagem, nem doutor ele é. Mas aprendeu com a vida, o que nenhum livro ensina. há mais de 60 anos é tocador e fazedor de pife, e se consagrou um grande mestre da cultura popular nordestina radicado no DF, e na UnB. Francisco Gonçalo da Silva, mais conhecido como Seu Zé do Pife, músico autodidata e grande mestre do pífono nascido no sertão pernambucano, em São José do Egito. Quando menino fez um pife com talo de jerimum e aprendeu a tocar “sozinho”, apenas observando e escutando os pifeiros velhos das bandas de pífanos da região. Além de ensinar muito sobre a música tradicional nordestina e sobre a cultura do pife a partir da transmissão oral, foi e é para mim um grande mestre da alegria, responsável por encantar a minha trajetória universitária por todos esses anos.

Entre a correria de aulas maçantes, provas e fichamentos que despotencializavam a vida, os meus “entres” eram sempre embalados por música, prosa, canto dos pássaros e respiro de vida na companhia do mestre e seus aprendizes, que iam se multiplicando a cada semestre. Nosso espaço de aprendizagem conhecido como Ponto da Alegria foi assentado debaixo de algumas árvores, ao lado do “escritório verde”, uma portinhola improvisada no bambuzal entre a saída do ICC norte e o restaurante universitário, onde depositávamos os materiais da oficina, como cadeiras quebradas, caixotes e banquetas. Espaço improvisado pelo mestre e fruto da criatividade brincante da cultura popular, que pela falta de recursos e reconhecimento, se vira como pode, dando nó até em pingo d’água.

Certa feita em um mutirão, construímos uma cabaninha no Ponto da Alegria, com direito até a rede para tocar deitado, e ficou tudo bem formoso, para como diz o mestre: “a boniteza convidar a alegria a entrar e fazer morada para a vida tocar mais leve”. Mas como esperado, a prefeitura do campus a destruiu porque não fazia parte do projeto oficial do campus. Mas quando é que as manifestações culturais tradicionais populares vão fazer parte de um projeto oficial de universidade, de governo, de Estado? Mestre Zé do Pife dá aula na UnB há mais de 20 anos, e nunca foi oficialmente reconhecido e apoiado como mestre do território. Nossos grandes mestres e mestras e seus saberes muitas vezes, só quando se encantam, é que ganham reconhecimento, homenagem e estátua *in memoriam*.

Foi naquele ponto, que para muitos era passagem, que eu decidi me assentar e definir o como “indisciplina” não obrigatória, mas que eu fazia questão de marcar presença sempre. Não só na UnB, mas também, vez em quando, nas ruas e feiras do DF onde “passávamos o chapéu” com o mestre, e com os trocados comíamos pastel e caldo de cana na rodoviária.

Quando a minha escola não mais cabia em um único universo...

Assim como posso marcar a minha vida universitária A.MZP e D.MZP – antes e depois de Mestre Zé do Pife -, há outra experiência que me virou do avesso e preciso compartilhar.

Nessas andanças pela UnB, minha vida foi se enveredando misteriosamente por esses caminhos da educação popular, arte e cultura, até que em 2014 eu tive a oportunidade única de fazer uma travessia ecológica, política, literária e existencial chamada Caminho do Sertão. Em que percorremos mais de 160km em sete dias, pelo cerrado de pé, e a pé, por entre as veredas por onde o personagem Riobaldo, de Guimarães Rosa também caminhou.

E atravessando as veredas e as comunidades do Sertão de Minas, eu também me senti atravessada por tantos saberes e histórias de resistência. Conheci alguns assentamentos, pontos de cultura, as tradições, folias e brinquedos dos povos gerazeiros resistindo vivas, sustentadas por mestres e brincantes, e também muita luta para conter o agronegócio predatório.

O Encontro com a poesia viva de Rosa, com o Rio Urucuia, e com o céu estrelado mais lindo que eu já testemunhei. As areias quentes, as veredas frescas, e os saberes de mestres como Seu Argemiro de Sagarana e Dona Lili de Ribeirão D'Areia, me transformaram. A partir daquele momento eu compreendi que os Brasis, os mundos, e universos eram bem mais vastos e variados que o pretense universo que nos contaram, e os saberes que cabiam ali.

Aprendi muito nessa experiência apenas caminhando, observando e escutando, como aprendia com o Mestre Zé, e com a minha bisá. E viria a aprender mais tarde, que no pluriverso da tradição oral, existem muitos mundos possíveis, diferentes lentes para vê-los, e brinquedos para vivê-los. E comecei a me admirar cada vez mais com a imensidão e a diversidade da vida, me perguntando: Como a escola convencional pode verdadeiramente educar se seu conhecimento advém de uma única fonte e este paradigma que está atrelado à uma cultura colonial e capitalista que está à serviço da segregação, dominação, exploração e desencante da vida? É possível uma escola ou uma pluriversidade, onde caibam diversas existências, cosmovisões e ciências coexistindo, dialogando e avançando juntas?

Em 2015, ainda com o sertão muito vivo dentro de mim, e imersa em milhares de inquietações e perguntas precisando de tempo e espaço para se assentarem, eu viajei para Madrid por seis meses com a minha tia Patrícia e família, que generosamente me propôs essa oportunidade de intercâmbio cultural enquanto realizava seu pós-doutorado. Um tempo precioso que ganhei de presente para cuidar da minha saúde, colocar a cabeça agitada no lugar e olhar para a vida com um olhar mais distanciado, para quem sabe, quando voltar, tomar coragem e

assumir meu caminho na Educação, que eu tanto temia, mas minha tia já havia cantado a letra.

Foi uma experiência incrível e arrebatadora. Na Europa fiz amigas e amigos árabes, japoneses, chineses e de vários países hermanos latinos. Na mesma viagem em que pude realizar o sonho de aprender um outro idioma com fluência, também pisei descalça nas areias do Saara, visitei castelos medievais, e o primeiro campo de concentração nazista em Dachau. Pude visitar os tão famosos museus, palácios e igrejas- repletos de ouro banhado em sangue indígena das Américas- que só havia visto em livros, e conheci muito mais sobre o meu próprio continente estando fora dele.

Eu curiosamente fui aprender espanhol castelhano na Europa, em vez de aprender espanhol em qualquer um dos dez países da América do Sul que fazem fronteira com o Brasil. O mesmo assombro que tive ao Conhecer a Colômbia e o Chile -graças aos intercâmbios do Semillero Brasil e o apoio da UnB- e perceber nas paredes pichadas da Universidade de Antioquia que eles conhecem e valorizam Paulo Freire muito mais do que nós.

Também fiquei abismada de não conhecer a gigantesca Gabriela Mistral, uma das maiores poetisas, educadoras e figuras políticas da América Latina, até ter a oportunidade única de conhecê-la em seu território- que ela orgulhosamente carregava consigo em um saco com punhado de terra dali-, em seu museu nas montanhas do Valle del Elqui.

Que Escola é essa que propaga o conhecimento dito “universal” que não nos engloba? Por que quase não estudamos autores e autoras latino-americanas e caribeñas em nosso próprio território Abya Yala? Por que no Brasil é mais fácil saber e se orgulhar do nome mais antigo da linhagem colonizadora europeia da nossa família, do que da tataravó indígena e parteira que provavelmente foi “pega no laço” e ninguém se recorda o nome? Por que Paulo Freire, conhecido como o patrono da educação brasileira, é perseguido em nosso país? Por que os saberes e ciências tradicionais dos povos dos nossos territórios não cabem nas escolas?

Voltando para a experiência do Intercâmbio na Europa, o mais marcante dessa experiência para mim, e serei sempre grata a minha tia por isso, foi antes mesmo de me tornar educadora, ter o privilégio de conhecer a comunidade de Reggio Emília, na Itália. Essa cidade foi reconstruída por volta de 1945, pela própria comunidade a partir dos destroços do pós-guerra, tendo como prioridade a garantia dos direitos das infâncias. E por tanto, essa cidade educadora foi reconstruída tendo a Escola primária como o coração da cidade.

Ao me deparar com essa comunidade de aprendizagem que tem como princípios reconhecer a autonomia e os direitos das crianças de brincar, investigar, usufruir da cidade e participar das decisões da comunidade. Onde todas as pessoas são responsáveis pelo espaço da escola, são educadoras e aprendizes. Logo fiquei me perguntando se seria possível algo assim

em meu país. Uma escola que fosse planejada para todos, em acessibilidade e variedade de recursos e linguagens educacionais, cheia de ateliês, laboratórios, jardins e ambientes acolhedores, também organizados e mantidos pela comunidade, me pareceu algo fora da realidade.

Mal sabia a Lívia de 2015, que eu viria mais tarde a acompanhar o nascimento da primeira comunidade de aprendizagem da rede pública do Distrito Federal em minha própria cidade, e que meu tema de trabalho de conclusão de curso em pedagogia em 2022, seria justamente sobre crianças investigadoras. Não por vias diretas, mas por encruzilhada misteriosa, os caminhos me trouxeram ao ponto de onde parti.

Conhecer essa cidade educadora me fez crer que era possível uma outra educação, uma escola aberta para vida, construída pela própria comunidade e que respeite as crianças como pessoas de direitos e potências. Me senti inundada de esperança, no sentido freireano, e imediatamente tomei uma decisão, escolhi ingressar em Pedagogia quando voltasse ao Brasil e decidi tornar-me educadora. Curiosamente, no mesmo ano em que a Lívia educadora nasceu, o Semillero Brasil (SB) também foi parido na Universidade de Brasília.

Em 2017, quando finalmente regressei, encontrei na Faculdade de Educação uma rede de apoio e um grupo de curiosos que já se interessava e investigava esse tema no SB. Me senti acolhida e esperançosa mais uma vez, ao saber que eu não estava sozinha, e finalmente poderia dar lugar a tantas perguntas e inquietações que me tomavam com tanta intensidade, e botar a mão na massa com minhas companheiras e companheiros.

Por fim, compartilho a pergunta que deu vida a este trabalho. Essa pergunta-guia que me acompanha desde o início da minha graduação não é só minha, é coletiva, pois brotou em nosso grupo de semeadores de investigação:

Como a Investigação Própria das Infâncias pode constituir-se como uma prática pedagógica trans-formadora?

PARTE II - MONOGRAFIA

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é a síntese de um processo formativo vivido por uma graduanda em pedagogia e extensionista, que desde 2017 integra o projeto de extensão Semeadores de Investigação (Semillero Brasil): educação, transformação e alegria na prática docente da Faculdade de Educação, Universidade de Brasília (UnB), e coordenado pela Prof.^a Dr.^a Fátima Lucília Vidal Rodrigues, também orientadora deste trabalho. A escolha do tema é profundamente enraizada em minha trajetória acadêmica e formativa, foi simplesmente escolher aprofundar em um tema que tenho mergulhado desde o início da graduação com minhas companheiras e companheiros do Semillero Brasil, bem como refletir a nossa práxis pedagógica através deste exercício investigativo e de escrita.

Esta sementinha que brotou em meu coração assim que ingressei no projeto, foi apenas crescendo em nossos estudos coletivos, na ação extensionista, nos intercâmbios culturais com Semilleros de Investigação colombianos e chilenos que nos inspiram, e posteriormente tomando forma em nossa prática extensionista. Desde 2018, trabalhamos diretamente com crianças que se dispõem a viver uma experiência de investigação, movidas por suas próprias curiosidades e perguntas, que se desenvolvem coletivamente na ação chamada *Semillas Encantadas*. Este trabalho atualmente configura-se como um dos círculos de prática do projeto Semillero Brasil e é oferecido como experiência investigativa na modalidade de curso de extensão. O *Semillas Encantadas* surge da construção pedagógica construída pelo projeto Semillero Brasil.

Buscamos, por meio deste trabalho, apresentar uma experiência extensionista, um processo vivido que não tem pretensão de ser visto como exemplo ou servir de modelo educacional, mas apenas apresentar a experiência vivida no *Semillero Brasil*.

Em matéria de educação, muito tem se falado sobre protagonismo infantil, sobre maneiras de promover uma maior participação das crianças nos processos de ensino-aprendizagem, e construir práticas pedagógicas “inovadoras”. Mas enquanto educadoras/es, estamos mesmo dispostas/os a abrir mão do nosso lugar de poder de quem supostamente detém e transmite o saber? O quanto estamos abertas para escutar as vozes das crianças, seus desejos e perguntas próprias? A Escola está preparada para viver caminhos pedagógicos outros que possam abrir-caminhos para o cultivo de outras culturas de investigação? As crianças podem ser produtoras de conhecimento, das ciências e agentes dos processos investigativos?

Inquieta-me perceber que o tema da investigação formativa e da Investigação Própria das

Infâncias seja tão pouco conhecido entre as educadoras/es do nosso país, pois praticamente não há literatura brasileira sobre iniciação científica júnior com crianças, muito menos sobre a investigação desde a perspectiva delas. No Brasil vigora um vínculo muito sutil da Escola (educação básica) com a “Ciência”, centralizada no ensino superior, relação essa ainda muito recente e vinculada a uma política pública neoliberal, meritocrática e utilitarista que permeia as instituições de educação brasileira, em todos os níveis, justificada por um pressuposto teórico-ideológico das chamadas Sociedades do Conhecimento.

Mas será que ter uma política pública brasileira que institucionaliza a relação da escola com o ensino superior, formando cientistas cada vez mais jovens, garante a perpetuação de uma cultura de investigação formativa nas escolas? A que tipo de ciências essas crianças estão se vinculando? Elas podem ser protagonistas dos seus próprios processos investigativos ou apenas reprodutoras do método científico racionalista?

Estas são algumas questões levantadas neste trabalho que serão reflexionadas com o intuito de ajudar a responder à pergunta principal desta investigação: Como se organiza um semillero de investigação? Tal pergunta-guia nos conduz ao objetivo geral deste trabalho que é investigar como se organiza um semillero de investigação e seu caminho possível de transformação da prática pedagógica, de si próprio e do mundo.

E junto a ela, algumas perguntas auxiliares ajudaram na organização do caminho investigativo e forneceram elementos para auxiliar na busca de alcançar os respectivos objetivos específicos: Investigar a história do surgimento dos Semilleros de Investigación; e compreender os princípios da pergunta como um caminho transformador e potente para a construção do conhecimento.

O caminho metodológico escolhido para conduzir esse processo investigativo foi a uma pesquisa histórico-teórica nos registros dos Semilleros colombianos e na história brasileira dos Semillero de Investigación.

A organização deste trabalho se dará em dois capítulos: o primeiro é um capítulo de contextualização histórica sobre o movimento dos Semilleros de Investigación (SI) em Abya Yala (América Latina), do qual deriva a projeto de extensão Semillero Brasil.

No capítulo dois apresentamos como podemos organizar um Semillero de Investigación, o caminho metodológico e os princípios que o orientam. Trata-se de um capítulo que inicia uma aproximação ao trabalho dos Semilleros latinos.

Para finalizar, algumas considerações breves para seguir no caminho investigativo.

CAPÍTULO 1 - SEMILLERO DE INVESTIGAÇÃO - O BERÇO DAS SEMENTES

Este capítulo trata de contar um pouco sobre a gênese do projeto de extensão Semillero Brasil por meio de um mergulho investigativo em nossas raízes originárias mais profundas, ou seja, é uma tentativa ousada de resgatar a essência colombiana dos Semilleros de Investigación, a partir do diálogo com autoras(es) pioneiras dos SIs.

Mas afinal, o que seria um Semillero de investigación?

1.1 - O QUE É UM SEMILLERO DE INVESTIGAÇÃO?

Para facilitar essa investigação e podermos viver plenamente esta pergunta, propomos dividi-la em outras duas perguntas mediadoras.

Na tradução literal do espanhol colombiano para o português brasileiro, Semillero quer dizer incubadora, canteiro ou viveiro de sementes, ou seja, o lugar onde brotam as sementes. Mas há quem prefira a forma embelezada de chamar: o berço onde despertam as sementes. Podemos encantar a figura da semente no berço como um embrião de vida depositado no útero da Mãe Terra, *Pachamama*³. Aquela pequenina que contém a informação ancestral de como transformar-se em um grandioso pé de Jatobá de 40 metros, após arriscar-se despertar de um sono profundo e irromper a casca que a limitava de dentro para fora. Então, no sentido figurado e encantado, um Semillero de Investigación pode ser um berço onde despertam as sementes da investigação.

E na prática, no sentido material, o que é um Semillero de Investigación? Onde surgiu? Como se organizam? Quais são suas estratégias de organização? Para que servem os SIs?

Este capítulo é um convite para respirar e viver uma pergunta por vez, até que elas mesmas nos trans-portem a lugares antes não imaginados ou previstos. Como sabiamente disse certa vez a mestra Lillian Pacheco (transmissão oral, 2020), é necessário exercitar a paciência pedagógica, pois processos de aprendizagem são como uma gestação. Precisamos vivê-la com pa-ci-ên-cia, também conhecida como a ciência da paz.

Se o mestre Paulo Freire (2015) já anunciou que algumas palavras podem estar grávidas de mundo, imagine as perguntas feitas com palavras bem escolhidas? Devem estar

³Referência à cosmovisão dos povos andinos Quechua, Aymara. Uma constelação de povos indígenas que viviam nessa cordilheira viva e deram o nome a esse organismo vivo, cheio de montanhas e vulcões aparentados de Pachamama, Mãe Terra, o coração da Terra. (KRENAK, Ailton.)

gravidíssimas! Imagine, quantos mundos possíveis devem caber no ventre de uma pergunta? Esta pergunta que estamos vivendo agora mesmo poderia estar grávida de trigêmeos, e com certeza não seriam gêmeos idênticos, e sim fraternos. E o mas curioso é que as perguntas podem estar grávidas de outras perguntas. Uma pergunta dá luz a outra pergunta, que dá luz a outra pergunta, que torna a engravidar...

Retornando à nossa pergunta: então o que é um Semillero de Investigação?

Vamos com calma. Primeiramente podemos viver uma breve pergunta acessória que pode ajudar-nos a compreender melhor a nossa questão principal. Nós já sabemos o que é um *semillero*, então agora nos resta saber o que é uma investigação, depois é só juntar essas duas palavras-mundo que pode ser que cheguemos em alguma resposta. Ou quem sabe surja uma outra pergunta.

Mas só saberemos vivendo, um passo por vez. Então vamos lá, pois devagar também se chega longe, e ainda se desfruta o caminho. Uma pergunta por vez e, com certeza, chegaremos em outros lugares.

- Convite para atravessar

1.2 - O QUE É INVESTIGAÇÃO?

Para responder a esta pergunta, podemos buscar em diversas fontes. E quanto maior a diversidade de territórios onde buscar, ferramentas e pessoas para nos auxiliar, mais completa e rigorosa pode ser a nossa colheita de frutos dessa investigação. Então propomos uma breve brincadeira de investigação-relâmpago:

- “Google pesquisar”- No dicionário (Oxford) encontramos algumas pistas:
 - ✓ É um substantivo feminino
 - ✓ Origem etimológica: latim.
 - ✓ *investigatĭo, ōnis* = 'indagação, busca'.
 - ✓ Averiguação sistemática de algo; inquirição, indagação, apuração. Exemplo: investigação policial.
 - ✓ Ato de esquadrinhar, de perscrutar minuciosa e rigorosamente; estudo ou série de estudos geralmente extensos, rigorosos sobre alguma coisa; específico do campo científico e/ou artístico; pesquisa. Exemplo: “suas investigações levaram-no apenas a conclusões parciais”.

- ✓ Termo jurídico: conjunto de atividades e diligências tomadas com o objetivo de esclarecer fatos ou situações de direito.
- Um conceito-principiológico de Jorge Ossa ao qual nos vinculamos, para aprofundar a nossa reflexão:

Concibo la investigación como un proceso que nace de la capacidad que el ser humano tiene de maravillarse con el mundo, de asombrarse, y sólo de este asombro nace la pregunta, y solo cuando hay una pregunta puede haber un proyecto, y sólo cuando hay un proyecto puede haber investigación. En este sentido creo que el concepto de investigación es consustancial con la naturaleza del ser humano. (LONDOÑO, 2001, p.38)

- E um pouco do diálogo investigativo e poético entre Paulo Freire e Antonio Faundez, para sentirmos outras possibilidades do que pode vir a ser a investigação. Antônio nos dá outra pista:

(...)o início do conhecimento, repito, é perguntar. E somente a partir de perguntas é que se deve sair em busca de respostas, e não o contrário: estabelecer as respostas, com o que todo o saber fica justamente nisso, já está dado, é um absoluto, não cede lugar a curiosidade nem a elementos por descobrir. (FREIRE; FAUNDEZ, 2013)

E Freire (FREIRE; FAUNDEZ, 2013) também pode contribuir quando afirma que é preciso viver a pergunta, a indagação, a curiosidade, e não apenas fazer um jogo intelectual com ela. É necessário criar o hábito de perguntar, de espantar-se.

- E, por último, uma tentativa arriscada de criar um sentido-mundo para encantar essa palavra, a partir das reverberações do diálogo frutuoso sobre gravidez das palavras que vivemos anteriormente com Freire:

Investigar também pode ser o ato de encorajar-se a “viver uma pergunta” (2013) e comprometer-se a gestá-la, sentindo a dor/prazer e o risco de parí-la, e então, finalmente, dar à luz a algumas respostas, a novas ideias, perguntas, mundos, e até mesmo outros possíveis “eus”. A possível consequência de mergulhar em alguma investigação mais profunda também pode ser parir-se, refundar-se.

Por meio deste pequeno exercício de investigação coletiva e “pazciência”, pudemos reunir pistas e elementos suficientes para ao menos arriscar um palpite próprio do que pode ser um Semillero de Investigación (SI). Agora que já aquecemos nossos motores de investigar, já podemos ir direto ao ponto, acessando diretamente à fonte de onde germinou a experiência dos SIs. E essa semente primeira, é uma semente crioula (semente tradicional, própria do território, que não teve a sua essência alterada), originária do território Colombiano.

Convidamos a voz da experiência, por meio de uma articulação direta com o pensamento das fundadoras(es) e pioneiras(os) desta iniciativa nascida na Universidade de Antioquia (UdeA) - Medellín, para conhecermos a natureza desse movimento em sua essência. Segundo Puerta,

González e Góez (2001a), os Semilleros de Investigación são comunidades de aprendizagem nascidas espontaneamente na UdeA a partir do ano de 1996, em resposta a falta de integração das diferentes disciplinas na educação superior e falta de participação e integração dos estudantes de graduação na atividade investigativa acadêmica. Tendo por objetivo promover uma formação acadêmica mais investigativa, integral e autônoma, e uma educação participativa que seja um elogio à pergunta, em que aprenda-se a aprender, e a trabalhar em grupo, mantendo sempre despertas a capacidade de assombro e a curiosidade, frente a complexidade da vida.

Ainda segundo as autoras, um SI pode ser integrado por qualquer pessoa que queira investigar, seja estudante da graduação, da pós-graduação, e/ou professores. E não deve se limitar apenas a educação superior, podendo ser praticado também em outros níveis da educação, para fomento de uma cultura investigativa, por meio de processos de sensibilização e formação de um quefazer investigativo desde a escola primária.

Podemos melhor compreender os elementos que compõem e possibilitam o funcionamento de um grupo de SI a partir da lista (adaptação e livre tradução da autora) generosamente criada por Puerta, González e Góez (2001a) para simplificar o nosso entendimento, definindo os Semilleros de Investigación como:

- 1- Comunidades de aprendizagem onde confluem estudantes e professoras/es de diferentes profissões e disciplinas com o propósito de buscar uma formação integral
- 2- Com o propósito de buscar a conscientização da comunidade acadêmica em direção a uma cultura científica e interdisciplinar
- 3- Grupo humano que quer apoiar e explorar alternativas que façam da investigação uma fonte de conhecimento e um eixo central de desenvolvimento para a universidade
- 4- Espaço para o entrincheiramento de ferramentas conceituais e metodológicas, em busca de novas opções que enriqueçam a relação docência-investigação
- 5- Pontos de convergência entre estudantes, professoras(es) e investigadoras(es) em prol de uma cultura investigativa.
- 6- Atividade acadêmica extracurricular com forte tendência a promover o espírito científico dentro da instituição educativa
- 7- Espaços onde as(os) estudantes são os protagonistas de suas próprias aprendizagens, e, portanto, os principais responsáveis em construir seu próprio conhecimento e adquirir atitudes e aptidões próprias para o exercício da investigação e da cidadania.
- 8- Espaço crítico que permite a aquelas(es) profissionais, docentes do futuro, a refletir sobre seus processos formativos, reconhecer falhas, e explorar processos que potencializem a criatividade e a capacidade própria de autogestão e das próximas gerações a formar.

A partir de tantas descobertas sobre a essência contida na semente originária dos SIs, que segundo LONDOÑO (2001) germinou mais especificamente no território *Abya-Yala*⁴> Colômbia > região de Antioquia> cidade de *Medellín* > Faculdade de Medicina > grupo BIOGENESIS> vínculo criado entre algumas pessoas curiosas> corações, Oris, corpos e espíritos. Com isso, podemos avançar para outras compreensões, buscando investigar outros aspectos da natureza do SI enquanto movimento formado por vários grupos de semilleros.

CAPÍTULO 2 - COMO PODEM SE ORGANIZAR OS SEMILLEROS DE INVESTIGAÇÃO

Segundo o professor Jorge Ossa, o primeiro coordenador, do primeiro SI parido na UdeA e até onde se sabe, no mundo:

“Nos dedicamos en pequeños grupos, a proyectar la investigación y a adquirir los instrumentos fundamentales para su desarrollo, y en el grupo mayor, a reflexionar sobre grandes temas globalizantes como la evolución, la muerte, la ética, el caos, etc. Todo dentro de un ambiente de tertulia, de diálogo. Donde la responsabilidad del aprendizaje es compartida entre el estudiante y el professor, donde lo mas importante no es el professor ni el estudiante, sino el tema. (LONDOÑO, 2001, p.34,35)

Mais uma vez, contamos com o belíssimo relato das autoras Puerta, González e Góez (2001b) que a partir da experiência vivida, podem melhor auxiliar-nos nessa busca, ao compartilharem do entendimento de que os SIs foram surgindo espontaneamente nas universidades colombianas e multiplicando-se como um organismo vivo. Até que começaram a formar uma rede maior de interconexões entre os pequenos grupos, se espraiando através de uma grande rede, a nível nacional, e posteriormente ganhando projeção nacional.

Ainda segundo as autoras, as interconexões, laços e encruzes, também chamados de *nodos* em espanhol, criadas por meio dos vínculos tecidos entre diferentes SIs de diferentes territórios, vieram a se constituir, no Terceiro Encontro de Semillero de Investigación no ano de 2000, na grande Rede Colombiana de Semilleros de Investigación, a RedCOLSI:

RedCOLSI, como red, fomenta y apoya la formación de semilleros de investigación en el ámbito nacional, propiciando un espacio para la investigación a través del intercambio de experiencias de los grupos que la promueven y/o realizan. Para ello, y como parte de su plan estratégico trabaja por nodos. Estos nodos agrupan, por ciudades o regiones, las distintas instituciones académicas del país, no solo representadas por instituciones de educación superior, sino también por toda aquella institución que conforme y apoye semilleros de investigación. (PUERTA; GONZÁLES; GÓEZ, 2001b, p.28)

E para alargar nosso entendimento, mais uma vez, as autoras Puerta, González e Góez (2001b) generosamente nos fornecem não só o “caminho das pedras”, mas o mapa de como atravessá-lo da melhor maneira, de acordo com a experiência vivida até então. Elas compartilham, por meio de outra lista (adaptação e livre tradução da autora), as estratégias que a RedCOLSI adotou logo no início de sua concepção:

- Desenho (*design*), construção e administração do portal RedCOLSI
- Internacionalização da Rede
- Investigações inter-regionais, nacionais e internacionais
- Sistematização da formação e das experiências para uma base de dados de informação

- *Pasantías* – práticas de estágio e/ou intercambio
- Reunião de coordenadores dos *Nodos* (Presencial e virtual)
- Geração de publicações
- Organização Interna
- Conversatórios virtuais
- Estabelecimento de indicadores de realização/ êxito da rede
- Apresentação da RedCOLSI a outras instituições como Colciencias (Departamento Administrativo de Ciencia, Tecnologia e Inovação da Colombia) para apoio técnico e financeiro
- Promoção de *Semilleros* em outras universidades e instituições educativas.

Também acionamos a sabedoria das(os) pioneiras(os) dos SIs da Universidade de Cauca (Unicauca), universidade pública da região departamental de Cauca, para acrescentar à nossa investigação outros elementos desde os seus pontos de vista, suas vivências e território. PINEDA (2009), na época vice-reitor de Investigações da Unicauca, contribui com o nosso mergulho investigativo pela história dos Semilleros de Investigación ao registrar um marco para o movimento dos SIs: Em 2002, o Departamento Administrativo de Ciencia, Tecnologia e Inovação da Colombia – Colciencias, inclui oficialmente o apoio à RedcCOLSI em seus programas de fomento. Lançando então, uma convocatória de apoio aos SIs, e especialmente dirigida as regiões com “menor grau de desenvolvimento”.

E mais, redimensiona a nossa percepção sobre a magnitude alcançada pelo movimento de SIs na Colômbia em poucos anos:

La extensión del movimiento iniciado en la Universidad de Antioquia, ha permitido que hoy se cuenten grupos de semilleros de investigación en más de 220 Instituciones de Educación Superior, de acuerdo con el censo realizado durante el desarrollo del XII Encuentro Nacional y VI Internacional de Semilleros de Investigación: “un espacio para tejer red, construir conocimiento y edificar sociedad”. (PINEDA, 2009,

2.1. COMO PODEM CAMINHAR METODOLOGICAMENTE?

Como bem disse Londoño (2001), uma das principais características que define em essência um Semillero de Investigación são as suas diferentes naturezas, sua autonomia e capacidade de auto-organização coletiva. Portanto, cada SI, é um organismo coletivo vivo e diferente, não cabendo determinismos em nenhuma tentativa de construção de respostas para as

perguntas-guias⁵ deste capítulo.

Portanto, a partir da inspiração ofertada desde a perspectiva do coordenador do *SI Biogénesis*, os SIs podem caminhar adotando:

(...) la dinámica de una comunidad de aprendizaje, caracterizada por la motivación, por la participación, por el aprendizaje comunitario y permanente; En fin, por el entendimiento de que la conquista de la realidad es una utopía y que la verdad científica no es más que un consenso transitorio que nos permite avanzar hacia nuevos enfoques y, eventualmente, hacia algunas aplicaciones para el bienestar humano. (LONDOÑO, 1999, p. 33)

E também podem caminhar com entusiasmo, o que segundo o autor (1999) é um estado de presença que nos permite estar aqui e agora, sem obrigação, atentas e participantes. Esta maneira de caminhar pode ser mais facilmente ativada através do encontro de pessoas investigadoras, que em uníssono, são capazes de liberar grandes doses deste coctel de peptídeos. Substância esta nomeada pelo SI Biogéneses de: “*entusiasmina*”.

E no exato momento em que lhes escrevo, sinto-me completamente embriagada por esta substância secretada graças ao encontro frutuoso que estamos tecendo nesta deliciosa investigação coletiva, possibilitada pelo encruzo de diferentes narrativas de diferentes Semilleros de Investigación de Abya-Yala.

2.2. QUAIS PRINCÍPIOS PODEM MOBILIZÁ-LOS?

Jorge Ossa, por meio de sua Oficina para iniciar um Semillero (2001), compartilha um princípio básico que os SIs podem adotar para guiar suas práticas investigativas: a necessidade de criar-se um vínculo interpessoal entre os participantes de um SI. E este vínculo pode ser criado a partir de uma apresentação aprofundada da história de vida de cada pessoa, garantindo que todas sejam atentamente escutadas e conhecidas, a partir do compartilhamento destes microrrelatos. Este princípio interpessoal pode garantir a consciência do potencial multicultural de cada grupo, desde o conhecimento das diferentes singularidades e interesses de cada pessoa, de suas realidades histórico-culturais, origens étnico-raciais e territórios. Tomamos a liberdade de nomeá-lo de “Vinculação Interpessoal”.

O professor Ossa (1999) também nos alerta para a necessidade dos valores de cada SI serem construídos coletivamente, na busca de um consenso para constituir uma base principiológica comum que guie todos os membros do grupo. E nos conta que essa busca pode ser feita por meio de uma listagem de expectativas e objetivos de cada participante sobre a sua participação no grupo. Esta prática pode assegurar que cada SI deve construir sua base

principlológica própria, visto que possuem naturezas diversas e são compostos por pessoas-humanas completamente diferentes.

Princípios como a construção coletiva, comprometimento radical com o caminho investigativo e reconhecimento dos saberes dos territórios são importantes pontos de partida para a construção de um Semillero de Investigación. No Brasil, ele começa com o encontro de professores e estudantes de pedagogia, na Faculdade de Educação da UnB, e segue em um caminho que já se espalha por todas as regiões do Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Até aqui esse texto apresenta o possível de ser entregue por escrito. Todo o caminho oral apresentado no momento da apresentação do TCC ficou registrado nas gravações decorrentes daquele momento.

A história dos Semilleros de Investigación apontam para práticas reflexivas e orientadas a partir da pergunta e do encontro solidário de pessoas comprometidas com os espaços de transformação e auto-organização. Os processos mobilizados pelos Semilleros na Colômbia, Chile e Brasil apontam para micros e macros transformações da prática docente e dos processos de aprendizagem das crianças que passam por essa experiência.

Seguiremos no caminho da construção histórica desse processo, ratificando os princípios e a esperança que move os sujeitos que fazem essa ação existir.

PARTE III - PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Ofereço-me em sacrifício a exu, para caminhar o sagrado-ofício de exu: Comunicar mundos. Coloco-me à disposição para atravessar todos os caminhos necessários para erguer a pluriversidade de erês que deve ser ofertada em bras-ilha.

REFERÊNCIAS

- ALEXANDER, Jacqui. **Pedagogies of crossing**. Eua: Duke University Press, 2005.
- CALVO, Carlos Muñoz. **Del mapa escolar al territorio educativo. Diseñando la escuela desde la educación**. La Serena: Editorial Universidad de La Serena, 2013.
- CNPQ. Resolução normativa 017 de 2006. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 13 jul. 2016. Disponível em: <http://www.cnpq.br/web/guest/view//journal_content/56_INSTANCE_0oED/10157/100352#rn17065>. Acesso em: 2 de mar. de 2022.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** - 49ª ed. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- _____. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. – 25. ed. rev. e atualizada. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- _____. **Pedagogia do oprimido** - 66ª ed. - Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2018.
- FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antônio. **Por uma pedagogia da pergunta**. São Paulo: Paz e Terra, 2013.
- GALLÓN, Luis Fernando Molineros. **Orígenes y dinámica de Los Semilleros de Investigación en Colombia – La visión de los Fundadores**. Medellín, Universidad del Calca – Universidad de Antioquia. 2009.
- hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**; tradução de Marcelo Brandão Cipolla. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013, 9-24.
- KRENAK, Ailton. **Caminhos para a cultura do bem viver**. São Paulo, Cultura do Bem Viver, 2020. 36 págs.
- LIEBEL, Manfred. **Niños investigadores**. Encuentro 2007, XXXIX, n. 78, p. 6-18. 2007. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/317115764_Ninos_investigadores>. Acesso em: 14 mar.2022
- _____. **Infancias dignas, o cómo descolonizarse**. IFEJANT, Lima, 2019.
- LONDOÑO, Jorge Ossa. **Reflexión sobre los semilleros de investigación. Una comunidad de aprendizaje**. Fondo Editorial Biogénesis: Para Soñar y Construir la Universidad, p.32-35, 1999.
- _____. **Taller para iniciar un semillero**. Fondo Editorial Biogénesis: Semilleros de Investigación. Una emergencia en pos del conocimiento y la ciudadanía, p.35-38, 2001.
- _____. **El cuarteto técnica, ciencia, investigación y formación**. Fondo Editorial Biogénesis, Semilleros de Investigación. Experiencias del cómo y el por qué. p. 11–14, 2005.

_____. **Las experiencias del por qué: Educar es enseñar a indagar. La investigación como proceso de formación.** Fondo Editorial Biogénesis: Semilleros de Investigación. Experiencias del cómo y el por qué. p. 81-94, 2005.

OLIVEIRA, Adriano de. **A Iniciação Científica Júnior (ICJ): aproximações da educação superior com a educação básica.** 2015. Tese (Doutorado) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

PACHECO, Lílian. **A Pedagogia Griô: educação, tradição oral e política da diversidade.** Revista Diversitas, São Paulo, Ano 2, n. 3, p. 11-99, set 2014/mar 2015. disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1pP6R0BJj3htx5IZE_5VnRqpkfZ3FtnDD/view?usp=drive_open&usp=embed_facebook>. acesso em: 12 abr. 2022.

PUERTA, Sergio R. O.; GONZÁLEZ, Sandra V.; GÓEZ, Beatriz C. **Semilleros de Investigación: Qué son?, antecedentes, objetivos, metodologías, actividades, encuentros.** Fondo Editorial Biogénesis: Semilleros de Investigación. Una emergencia en pos del conocimiento y la ciudadanía, p.11-27, 2001a.

_____. **Red Colombiana de Semilleros de Investigación (REDCOLSI).** Fondo Editorial Biogénesis: Semilleros de Investigación. Una emergencia en pos del conocimiento y la ciudadanía, p.28-34, 2001b.

RAMÍREZ-CABANZO, Ana Brizet. Semilleros escolares de investigación: Memorias de un proceso. – **Semilleros de investigación: una experiencia por la intelectualidad de niños, niñas, jóvenes y maestros.** I ed. - Instituto para la Investigación Educativa y el Desarrollo Pedagógico, Bogotá, p. 25-33, 2019.

RODRIGUES, Fátima. L. V.; LUNA, Silvia L. M.; CERÓN, Blanca N. G. Semilleros de Investigación en Colombia, Chile y Brasil: encuentros pedagógicos, experiencias y acciones de r-existencias en la formación docente. **Temps d'Educació**, n.61, 2021, p.119-134. Disponível em: <<http://www.publicacions.ub.edu/revistes/tempsDEducacio61/documentos/1771.pdf>>. Acesso em: 11 mar. 2022.

RUFINO, Luis; SIMAS, Luis Antonio. **Encantamento: sobre política de vida.** Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

TONUCCI, Francesco. **A los tres años se investiga.** Hogar del libro, Barcelona, 1988. p. 11-14/39-61.

WALSH, Catherine. **Pedagogías Decoloniales.** In: GUTIÉRREZ, Tatiana; NEIRA, Andrea (ed.). **Convergencias y divergencias: hacia educaciones y desarrollos “otros”.** Bogotá: Corporación Universitaria Minuto de Dios – UNIMINUTO. Centro de Educación para el Desarrollo (CED), 2017. p. 55-76.